

Az CONFISZÓES DE NELZON RODRIGUES

CAPÍTULO CCXXXVIII

"Com sua espingarda de rôlha, lá

vem o "revolucionário de Festival"."

1

Repito que o grande momento de "Festival" foi o ódio de Geraldo Vandré. Era o talento ferido. E as vaidades do autor estavam mais eriçadas do que as cerdas bravas do javali. Pouco antes, ao executar o seu número, era o vencedor total. Vocês se lembram dos comícios do Brigadeiro. A massa gritava: — "Já ganhou, já ganhou!" Também domingo os fiéis de Vandré berraram: — "Já ganhou, já ganhou!"

2

E, finalmente, quando saiu o resultado, o autor de "Caminhando" foi o maior espanto da terra. Apunhalado por um segundo lugar — um torpe segundo lugar — quase desabou, fisicamente. E, em seguida, rompeu de suas entranhas um ódio que bem merecia estar inserido nas Obras Completas de William Shakespeare. O leitor, que é um simples, há de pedir um sinal exterior e concreto de sua ira.

3

Não houve tal exteriorização. O ódio de Vandré permaneceu dentro de Vandré. Mas dizia eu, na confissão de ontem, que as caras não mentem. E a jovem cara crispada de Vandré não fazia nenhum mistério. Bem sei que, da boca para fora, êle pedia aos seus devotos: — "Aplaudam Tom e Chico, como se fôsse eu!"

4

Mas a vaia explodiu. Ou por outra: — não sei se era mesmo vaia. Hoje, o povo aplaude como se vaiasse e vaia como se aplaudisse. Conteí o caso da universitária que, em São Paulo, arrancou os sapatos e batia com os saltos um no outro. Ninguém sabê, até hoje, se estava contra ou a favor. Outros assoviam, vaiando ou aplaudindo. E há os que fazem castanholas com a boca. No Maracanãzinho, sujeitos sapateavam como bailarinas de Sevilha.

EU SOU REVOLUCIONÁRIO
DE FESTIVAL!



9

Dirá alguém: — "E a letra?" De fato, há a letra. Mas é óbvio que o nosso "injustiçado" fêz o libreto para a ópera errada. Há, sim, entre a música e o canto feio, o cavo abismo das incompatibilidades totais. É só prestar atenção. Uma coisa não tem nada a ver com outra. E já me parece certo o seguinte: — a sua música é o que há de mais impróprio, de mais ineficaz para revolver as cóleras, sim, as cóleras que dormem nas entranhas populares.

10

5

Cabe então a pergunta: — e foi mesmo injustiça? Admitamos que sim. Faz de conta que o segundo lugar é pior do que a lanterna. E que "Sabiá" não merecia nem a lanterna. Admitamos tudo isso. Mas, se houve injustiça, Vandrê deve ser festejado e não chorado. Seus partidários devem recolher todos os palavrões. E, de fato, não há nada mais promocional do que a injustiça. O "injustiçado" assume uma dimensão inesperada e gigantesca. Quando passa, é lambido com a vista. Só uma coisa me espanta: — é que não tenham carregado o Vandrê na bandeja, e de maça na bôca, como um leitão assado.

6

Todavia, já uma dúvida se insinua no meu espírito. "Para não dizer que não falei de flôres" é uma bela canção. Não há dúvida. Bela canção. Mas ainda ontem dizia-me um amigo — "Sou contra "A Marselhesa"! não topei "A Marselhesa"! Custei a entender que êle falava, justamentê, da música de Vandrê. E, sem o saber, o meu amigo deu-me a pista exata. Era uma deslavada "Marselhesa".

7

Agora mesmo, ao bater estas notas, vejo tôda a cena. Vandrê está fazendo a música do "Festival". Evidentemente, quer partir para o social, o político, o épico, o homérico, ou sei lá. O Chico, ou o Tom, pode encerrar-se no lirismo íntimo. Mas um rapsodo como o Vandrê sonha com a grande comunicação. E, então, quis fazer "A Marselhesa". Eis aí, em rápidas pinceladas, o que foi a concepção, o que foi a execução de sua obra. Perdeu noites, na fremente elaboração. Mas quando acabou a sua "Marselhesa" — saiu-lhe a anti-Marselhesa.

8

Aí está, como eu dizia, o defeito. Lênine falou no "ópio do povo". O que o Vandrê fêz é o que há de mais ópio, de mais sedativo, repousantê, embalador, suavíssimo. É o tipo de música que o sujeito deve ouvir na réde, abanando-se com a "Revista do Rádio". Quase uma berceuse. E o próprio Vandrê a canta em surdina como se estivesse fazendo o povo dormir. Repito que nunca se viu uma "Marselhesa" tão pouco "Marselhesa", tão anti-Marselhesa.

Todavia, o nosso Vandrê não foi um caso único. E, súbito, explode na vida brasileira uma nova figura: — o "revolucionário de Festival". Vocês entenderam? Trata-se do herói sem risco. Claro que outros países, e os outros idiomas, também o têm. Foi assim na nova e jovem "Revolução Francesa". Milhões de franceses entraram no movimento. Pois bem. E não morreu ninguém. Não houve um morto e, ousou mesmo dizê-lo, não houve um ferido. Na França, morre-se muito de atropelamento. Mas como os estudantes viraram todos os carros, a "Revolução" não teve nem os atropelados dos dias úteis.

11

Eis o óbvio ululante: — o "revolucionário de Festival" não mata, nem morre. Põe entre a sua pessoa e o perigo uma sábia distância. Por exemplo: — o Roldão. Fêz outra "Marselhesa" que se chama "América, América". Vejam vocês: — temos, ali, nas nossas barbas cínicas, Magé. Todos conhecemos Magé. Magé, repito, está diante de nós, fisicamente próxima. Podemos apalpá-la, podemos farejá-la. Lá, de vez em quando, uma ratazana devora um recém-nascido.

12

E vem o Roldão, com seu bigode boliviano, a falar de "América, América". Eis a verdade a um só tempo deplorável e patusca: — o "revolucionário de Festival" não toma conhecimento do Brasil. Aqui mesmo, nesta coluna, contei um episódio que me pareceu uma obra-prima de alienação. Era uma passeata. E um rapaz empunhava êste cartaz: — "Muerte" etc., etc. Adiante, outro: "Independencia o Muerte". E, de repente, graças às nossas esquerdas, o brasileiro se põe a odiar, a matar, a morrer em castelhano.

13

Eis a pergunta que, em casa, vendo o Festival eu me fazia: — "Por que o nosso Roldão não vai cantar guarânia, ou bolero, ou tango?" Talvez, um dia, alguém se lembre de medir a distância que há entre as nossas esquerdas e êsse pobre-diabo colossal, que é o Brasil? Ninguém apontará um "revolucionário de Festival" que mencione, ainda que de passagem, ainda que de raspão, esta mísera terra. Vejamos o Vandrê. Nem o Brasil, nem o brasileiro entram na sua berceuse.